CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 28/03/2024 - 05:56

“Morte de Marielle é prova legítima da violência política”

»Entrevista | **ANIELLE FRANCO** | MINISTRA DA IGUALDADE RACIAL

A irmã de Marielle Franco, assassinada em 2018, diz que só celebraria a prisão dos três supostos mandantes do crime se a vereadora estivesse viva. Segundo ela, a revelação feita pela PF é “a prova legítima da violência política do país”

“A família não tem o que comemorar”

» MARINA DANTAS*
» VITÓRIA TORRES*

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, afirmou que a revelação dos supostos mandantes do assassinato da irmã dela, a vereadora Marielle Franco, é a “prova legítima da violência política do país”. “A prova legítima de que, muitas vezes, os corpos negros são considerados descartáveis, podem tombar a qualquer custo e qualquer motivo”, enfatizou, em entrevista aos jornalistas Rosane Garcia e Carlos Alexandre de Souza, no Podcast do **Correio**.

No domingo, a Polícia Federal prendeu preventivamente os irmãos Chiquinho Brazão, deputado federal (ex-União Brasil-RJ), e Domingos Brazão, conselheiro do Tribunal de Contas do estado; e o ex-chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro Rivaldo Barbosa.

Para Anielle, foi uma “resposta primordial” na apuração do assassinato, que ocorreu há seis anos, mas frisou que é difícil falar em celebração pelas detenções. “A família não tem o que comemorar. Acho que ninguém precisa comemorar e celebrar nada. Eu conseguiria celebrar se minha irmã estivesse viva, mas nas circunstâncias, consegui entender a importância de termos chegado onde chegamos, depois de seis anos e 10 dias. Mas acho que a democracia brasileira não tem o que celebrar com uma vereadora negra sendo assassinada com cinco tiros na cabeça e três tiros no corpo”.

Anielle criticou o adiamento, na Câmara, da decisão sobre a prisão de Chiquinho Brazão. “Hoje, as pessoas falam: ‘Ah, vamos esperar mais um pouco’. Não, a gente precisa muito fortalecer esse passo que foi dado. É um deputado daquela Casa que está sendo acusado de assassinato, de tramar crime. Que país é este que a gente quer? Qual o lugar da democracia que a gente quer que caminhe?” A seguir, os principais trechos da entrevista:

Qual é a sua avaliação sobre os últimos acontecimentos em relação ao caso de Marielle?

Desde domingo, a gente tem vivido momentos de uma mistura de sentimentos enquanto família. É inadmissível a gente entender e aceitar o motivo pelo qual Marielle foi assassinada, que tenha sido por lutar por justiça social e defender as pessoas que mais precisam neste país. Tem muita coisa. Acho que a gente teria, talvez, um programa inteiro para falar das minhas impressões e dos sentimentos do que aconteceu, do último domingo para cá, mas acho que é a prova legítima da violência política do país, é a prova legítima de que, muitas vezes, os corpos negros são considerados descartáveis, podem tombar a qualquer custo e qualquer motivo. Tem de ter também uma avaliação de que o próprio Estado, que deveria estar protegendo, tinha um ex-delegado à frente do caso, um ex-chefe da Polícia Civil, que já havia trabalhado com a minha irmã, e estava ali sendo uma das pessoas que arquitetaram o crime.

Qual é o sentimento da família?

A família não tem o que comemorar. Acho que ninguém precisa comemorar e celebrar nada. Óbvio que, sim, tem um passo importantíssimo que foi dado, tem que reconhecer, principalmente, o trabalho da Polícia Federal; tem que reconhecer a troca para um governo democrático progressista de um governo que era totalmente o contrário ao que a gente defende; o trabalho do Ministério Público Federal e estadual; todo o trabalho que foi feito anteriormente. Mas, para a gente, é difícil falar “vamos celebrar que eles estão na cadeia”. Eu conseguiria celebrar se minha irmã estivesse viva, mas, nas circunstâncias, consegui entender a gravidade do crime, a importância de termos chegado onde chegamos, depois de seis anos e 10 dias, onde a gente teve uma resposta que é primordial. Mas acho que a democracia brasileira não tem o que celebrar com uma vereadora negra sendo assassinada com cinco tiros na cabeça e três tiros no corpo.

Como avalia este momento?

Entendo que agora a gente está numa disputa de narrativas no nosso país. A gente não pode desumanizar lutas e pautas que são tão caras para nós. O fato de hoje termos um aumento de mulheres negras em bancadas, o aumento de pessoas negras em espaços de poder, de decisão, seja no jornalismo, seja em qualquer outro lugar, não faz com que a gente tenha garantia de estar vivo. A resposta disso é o crime da minha irmã. Se a Marielle foi eleita, como as pessoas chamavam de fenômeno de 46 mil votos no Rio de Janeiro, que é uma capital que a gente está vendo uma tríade no poder, e, ainda assim, ela é tombada e descartada, a gente precisa entender que agora não é uma questão de quem vota em A, B ou C. É uma questão de fortalecimento da democracia. É uma questão do que a gente quer e para onde a gente quer que este país vá.

Por que a senhora fala em disputa de narrativa?

É inadmissível a gente ter uma parcela da população que zomba de uma morte como a dela ou como a de qualquer um. Tem gente que está zombando do menino que está enterrado no Rio de Janeiro porque não subiu para entregar a comida. Tem uma parcela da sociedade que acha que as pessoas negras não são nada. E é esse tipo de pensamento que a gente precisa combater. Por isso, falo que tem uma disputa de narrativa, de posicionamento, e o assassinato da minha irmã, infelizmente, escancara isso. Escancara as relações políticas com milícias, com polícia, escancara que, infelizmente, lugares onde deveriam estar cuidando da população e pensando na melhoria do país estavam arquitetando um crime triste.

É um ponto muito importante que a senhora está tocando de desrespeito a toda uma parcela imensa da população que é vítima de violência dessas alianças criminosas que estão sendo feitas e que matam jovens negros.

A Benedita da Silva, que hoje é deputada e tem 40 anos de política, fala que vive violência política desde que entrou. É por isso que eu gosto de repetir e reiterar que a nossa disputa, hoje, pela permanência nesses espaços não pode passar por uma pessoa e por um espaço de poder, de decisão ou de fala: “Vamos matar, vamos tombar, vamos aniquilar essa pessoa em benefício próprio”. Quais os trabalhos que Marielle tinha, desde defender mães negras faveladas, pessoas que, infelizmente, são consideradas nada? E aí, as pessoas que agem em benefício próprio pensam: “Vamos tirar do caminho porque pode ser que seja melhor que a gente”. Que disputa de narrativa é essa? Agora, estamos esperando a Câmara votar se a prisão de um deles permanece ou não. Hoje, as pessoas falam: “Ah, vamos esperar mais um pouco”. Não, a gente precisa muito fortalecer esse passo que foi dado. É um deputado daquela Casa que está sendo acusado de assassinato, de tramar crime. Que país é este que a gente quer? Qual o lugar da democracia que a gente quer que caminhe? Então, toda e qualquer mulher negra agora tem que sair da política porque quem tem que comandar são os homens? É difícil.

Acredita que há pontos a serem esclarecidos?

Acho que tem muita coisa para debater, e é por isso que o enfrentamento do nosso corpo político do ministério tem sido algo que virou nossa missão de vida. Eu não esperava a surpresa que tivemos no domingo, mas eu também entendi que isso era possível. Acompanhamos o caso, a Marielle era a relatora da intervenção militar no Rio de Janeiro, e a gente sabia que poderia ter coisas muito grandiosas por trás. Mas agora fica meio questionamento: qual o motivo? Foi porque ela lutava por quem mais precisava? Para onde o nosso país vai caminhar? É ok a gente zombar de um crime como esse? Será que virão outros? São questionamentos que eu acho que precisam trazer para a mesa do debate, porque influenciam o futuro de uma nação inteira.

Nesse episódio da Marielle, o que se percebeu é que a polícia organizada e o Ministério Público foram capazes de desvendar os supostos autores. Por que isso não acontece com maior intensidade?

Acredito muito que não somente o caso da Marielle, mas tantos outros vêm de uma tríade. É um pouco do que tem no Rio de Janeiro, do que tem sido desenhado em São Paulo, em Salvador e em vários dos lugares mais violentos do nosso país. No caso da minha irmã, o que a gente pode observar é um delegado, um político e alguém para executar. É essa a tríade que eu estou falando, porque está comprovado, a Polícia Federal tem esse relatório, esse depoimento e essa delação que demonstram que eram em três camadas para que se chegasse ao crime, mas também para que se mantivesse impune. Quando a PF e o governo federal entram, a história muda. Outro ponto é quando se fala sobre os corpos que são tombados. Estivemos no Rio há duas, três semanas atrás, e tinha a Ana Paula, mãe do Jonathan, que ficou 10 anos esperando pelo julgamento e, quando vem o resultado, vem junto o desespero. O filho é assassinado com um tiro nas costas, e dizem que não teve intenção de matar, então, infelizmente, não são casos isolados. Não estamos falando só do Rio de Janeiro, estamos falando de vários. O que eu quero dizer é que é um gargalo e um assunto que tem que ser tratado com muita seriedade.

O que é segurança pública do país?

É a manutenção da vida desses jovens, por isso o Juventude Negra Viva no governo, por isso que a gente tenta sentar com o Ministério da Justiça e pensar onde podemos acolher esses jovens. Não é somente a segurança pública, não é só isso que os jovens querem, eles querem o direito de ir e vir, dignidade de vida, educação, alimentação, empregabilidade. A gente está agora com um desafio enorme na população, que é o aumento de jovens negros que estão se suicidando por não verem perspectiva de vida.

O Programa Juventude Negra foi lançado na Ceilândia, que faz fronteira com a maior favela do país, que é o Sol Nascente. Essa fragilidade foi muito identificada aqui em Brasília?

Não é a maior, porém há, sim. É por isso que a gente escolheu a Ceilândia. Por isso, a gente levou o presidente Lula pela primeira vez naquele lugar, com dois mil jovens, para que a gente pudesse fazer o plano a várias mãos. Nós já fomos jovens, então a gente sabe o que cada jovem quer. Para fazer um plano que hoje tem 400 páginas, com 18 ministérios no total e todo mundo assinar e se comprometer à frente do presidente, eu precisava ouvir os jovens. As maiores reivindicações eram empregabilidade, saúde e se manter vivo. A gente precisa fazer com que isso vire concreto. Tem que ser algo que, daqui a pouco, esteja na boca de todo mundo. Reconhecer esse gargalo foi importante, mas ter parceria para fazer, também. Não

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

> Eu conseguiria celebrar se minha irmã estivesse viva, mas, nas circunstâncias, consegui entender a gravidade do crime, a importância de termos chegado onde chegamos, depois de seis anos e 10 dias, onde a gente teve uma resposta que é primordial”

> Tem uma parcela da sociedade que acha que as pessoas negras não são nada. E é esse tipo de pensamento que a gente precisa combater. Por isso, falo que tem uma disputa de narrativas, e o assassinato da minha irmã escancara isso”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Pagina:** 2

Copyright © Clipclap 2025.